

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **Joaquim Ribeiro e a defesa do legado de João Ribeiro e Lindolfo Gomes nos estudos sobre o folclore Brasileiro (1929-1944)**

Veronica Rocha da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Política – UERJ

Bolsista Faperj Nota 10

Email: veversilva86@gmail.com

O professor e folclorista Joaquim Ribeiro trazia no nome a herança da literatura brasileira. Nascido em 1907, o intelectual filho de João Ribeiro, um dos historiadores e filólogos mais importantes das primeiras décadas do século XX, dedicou-se desde jovem a percorrer a mesma trajetória vivida pelo pai. Estudou no Colégio Pedro II – no qual o pai foi catedrático da cadeira de História do Brasil – e formou-se assim como João Ribeiro na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Teria chegado a exercer função de promotor no estado do Paraná, porém dedicou grande parte da sua vida a lecionar no Colégio Pedro II e outros educandários.<sup>1</sup>

Joaquim Ribeiro, assim como outros intelectuais deste período, transitava por áreas diferenciadas de conhecimento. Escritor; ensaísta; conferencista; teatrólogo; folclorista e professor do Colégio Pedro II, o autor publicou diversas obras sobre os mais diferentes temas, entre eles literatura, filologia, história e, sobretudo, o folclore brasileiro.

O folclorista foi membro atuante nas décadas de 1940 e 1960 dos projetos organizados pelo movimento folclórico brasileiro. Tornou-se figura ativa na organização de exposições e congressos promovidos pela Comissão Nacional do Folclore (1947) e das pesquisas produzidas pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958). Entretanto, a relação de Joaquim Ribeiro com a pesquisa sobre o tema surgiria muito antes das associações de intelectuais que passaram a surgir no final da década de 1940 e suas considerações sobre o delinear da trajetória dos estudos no Brasil possuíam uma classificação própria.

---

<sup>1</sup> Informação retirada da nota de falecimento do autor publicada em 1964 no jornal Correio da Manhã. Joaquim Ribeiro faleceu aos 57 anos em decorrência de um infarto.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 1929, o jovem Joaquim Ribeiro aos 27 anos de idade, publicou seu primeiro trabalho acerca da temática dos estudos sobre o folclore. *A tradição e as lendas* originaram-se de um ensaio submetido ao concurso da Academia Brasileira de Letras em 1928, recebendo menção honrosa da instituição. Com prefácio de Lindolfo Gomes, considerado pelo intelectual carioca um grande mestre e amigo, o pequeno ensaio é intitulado por Joaquim Ribeiro como o início de sua jornada na pesquisa do folclore brasileiro sendo o primeiro passo da sua iniciativa de trazer novas contribuições aos estudos no país.

Esta obra, o meu primeiro ensaio de folk-lore que vem á luz, será seguida de outros estudos que pretendo, logo após, publicar. Embora confesse (e há nisso pretensão?) o meu intuito de reformar os estudos folk-lóricos entre nós, vulgarizando algumas teorias ainda não conhecidas ou aplicadas por nossos folk-loristas, devo declarar que muita coisa já foi fixada satisfatoriamente por Silvio Romero, Lindolfo Gomes e João Ribeiro, cujas obras serão sempre diretrizes imprescindíveis aos que se dedicarem a tais estudos (RIBEIRO, 1929, p.85).

O segundo trabalho que dá sequência a seus estudos surge em 1934. Intitulado, *Introdução ao estudo do Folk-lore brasileiro*, a obra é oriunda de um conjunto de conferências<sup>2</sup> realizadas em 1931 na sociedade de filosofia e psicologia<sup>3</sup>. “Estava este livro envelhecendo nos prelos, quando amigos dele se lembraram e exigiram de mim o castigo da publicação. Obedecei e não quis tirar-lhe o ar primitivo, por vezes, entusiástico e arrogante” (RIBEIRO, 1934, p.213).

Os dois trabalhos de Joaquim Ribeiro apresentam em comum, além da iniciativa de contribuir e inovar para novos métodos de pesquisa do folclore, a divisão linear em que divide a trajetória dos estudos no Brasil. O intelectual carioca defenderá desde o início de sua jornada como folclorista, que os grandes responsáveis pela disseminação e transformação do folclore em categoria científica encontram-se em nomes pouco destacados nas cronologias feitas sobre a história dos estudos no país.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> O *Curso de Folk-lore* teve início em 9 de junho de 1931 e a primeira conferência teve como título: *O Folclore do ponto de vista filosófico*. (A INAUGURAÇÃO do curso de Folk-lore do Dr. Joaquim Ribeiro. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 9 jun. 1931. Edição:00361, p.7)

<sup>3</sup> A sociedade de psicologia e filosofia tratava-se de uma organização carioca fundada em 1930 por alguns homens das letras que tinha por objetivo realizar cursos, conferências e práticas de especialização para adolescentes e adultos. (SOCIEDADE DE ESTUDOS DE PSYCHOLOGIA E PHILOSOPHIA. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 14 dez. 1930. Edição: 00188, p.7)

<sup>4</sup> O trabalho de grande referência sobre a trajetória dos estudos sobre o folclore no Brasil, o artigo *A evolução dos estudos de folclore no Brasil*, publicado em 1962 pelo folclorista baiano Édson Carneiro,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para o jovem intelectual, a divisão dos estudos do folclore é feita pelas contribuições de Silvio Romero, João Ribeiro e Lindolfo Gomes trazendo cada um deles uma nova categoria ao percurso desses estudos no Brasil. O folclorista reconhece a importância de Silvio Romero como precursor no final do século XIX, porém estabelece as limitações de sua contribuição restringindo-o apenas ao papel de “coleccionador” dos dados, carecendo de uma análise metodológica e científica o material por ele coletado.

A orientação científica que os estudos do folclore necessitavam viria a partir dos trabalhos de João Ribeiro e Lindolfo Gomes entre as décadas de 1910 e 1920. Essa premissa será defendida por Joaquim Ribeiro durante todo o decorrer de sua carreira como folclorista. No livro *Folclore brasileiro* publicado em 1944, Joaquim Ribeiro ratifica mais uma vez as hipóteses levantadas nos dois primeiros livros:

O desenvolvimento interno do folclorismo brasileiro fez-se nesse sentido: a princípio surgiu Silvio Romero, colige as tradições esparsas, coordenando-as em sistema, funda escola e até hoje tem discípulos fervorosos; depois vem João Ribeiro, que dá orientação científica aos estudos do folclore e cria a escola dos pesquisadores das origens de nossas tradições populares, comparando-as e delineando as suas migrações; finalmente Lindolfo Gomes funda a escola que denominei eclética visto conciliar o mister de coleccionador com o de pesquisador e exegeta; ainda aí mais reduzido é o número de seguidores. (RIBEIRO, 1944, p.213).

Em prefácio da reedição da obra *O Folclore*, escrita por seu pai João Ribeiro e republicada na década de 1960, Joaquim Ribeiro salienta novamente a importância das escolas folclóricas por ele estabelecidas e de seus fundadores:

Desse ponto de vista, João Ribeiro fundou, no Brasil, o que podemos chamar a ‘escola dos exegetas’ em oposição a ‘escola dos coletores’ que teve em Silvio Romero, inegavelmente, o fundador insigne. Ambas as escolas não se repudiam, mas se complementam, pois, como já frisamos, sem o trabalho preliminar da coleta, não se pode empreender a tarefa consequente das pesquisas de origem e transformações na explicação dos dados folclóricos. (RIBEIRO, 1960, p.21).

Este trabalho tem como finalidade traçar a trajetória dos primeiros estudos do folclore no Brasil a partir das contribuições de João Ribeiro e Lindolfo Gomes no

---

elege três intelectuais em fases distintas como os mais importantes no desenvolvimento da pesquisa sobre o folclore: Silvio Romero, Amadeu Amaral e Mário de Andrade. Essa premissa será defendida em uma série trabalhos, no qual, João Ribeiro e Lindolfo Gomes surgem muitas vezes como como figuras incongruentes, ou seja, que não solidificaram os estudos do folclore em uma temática única.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desenvolvimento da pesquisa folclórica brasileira. Tal perspectiva será conduzida através dos primeiros livros de Joaquim Ribeiro publicados sobre o tema do folclore brasileiro: *A tradição e as lendas “folk-lore”* (1929); *Introdução aos Estudos do Folk-lore Brasileiro* publicado em (1934); *Folklore Brasileiro* publicado em 1944. Doravante a divisão proposta pelo intelectual carioca traçaremos uma análise das obras produzidas pelos dois autores levando em consideração, que a divisão proposta por Joaquim Ribeiro no início de sua jornada acadêmica será a mesma defendida durante todo seu percurso como folclorista e integrante do movimento folclórico brasileiro

## **João Ribeiro e a “escola dos investigadores e exegetas”**

João Ribeiro era um intelectual múltiplo, considerado um grande nome como poeta e romancista tanto como crítico literário e historiador. Nascido no Estado de Sergipe, sua ascensão como intelectual surge a partir da mudança para o Rio de Janeiro ainda em 1881, onde logo estabelece amizade com o também letrado e conterrâneo Silvio Romero, sendo este, um dos fatores de seu rápido ingresso no círculo de letrados cariocas daquele período (GOMES,1996, p.108). Entretanto, a relação com Silvio Romero e a literatura não seriam a única porta de entrada para João Ribeiro. Como escritor de jornais da época, o sergipano integra-se ao grupo abolicionista e republicano de Quintino Bocaiuva<sup>5</sup> e Alcindo Guanabara<sup>6</sup>. Na atividade de jornalista manteve contato com homens para quem a convicção política era expansiva. Através da atividade na imprensa, estreitou laços de amizade com jornalistas e políticos (RODRIGUES, 2013, p.377).

---

<sup>5</sup> Quintino Bocaiúva (1836-1912) foi um político e jornalista brasileiro, um dos mais importantes propagandistas do regime republicano. Foi nomeado Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório. Ver em: [https://www.ebiografia.com/quintino\\_bocaiuva/](https://www.ebiografia.com/quintino_bocaiuva/)

<sup>6</sup> Alcindo Guanabara, jornalista e político (1865-1918) em 1886 fundou o jornal acadêmico Fanfarra. Trabalhou também na Gazeta da Tarde, ao lado de José do Patrocínio e Raul Pompeia, escrevendo crônicas políticas sob o pseudônimo Aranha Minor. A experiência então adquirida lhe abriu portas em diversas revistas e jornais do Rio e de São Paulo, onde passou a escrever textos literários e a debater as grandes questões colocadas na agenda política do momento, como a Abolição e a República. Considerado um dos maiores jornalistas brasileiros da Primeira República, entre 1887 e 1914 colaborou e trabalhou como redator nos jornais Cidade do Rio, Novidades, Correio do Povo, Jornal do Comércio, a Tribuna, a Nação e o País. Em 1897 foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde passou a ocupar a cadeira nº 19. Ver em: PINTO, Surama Conde Sá. Biografia Alcindo Guanabara. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUANABARA,%20Alcindo.pdf>

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O letrado sergipano compôs o núcleo da Academia Brasileira de Letras (ABL), dos Institutos Históricos e Geográficos do Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe, da Academia de Letras de Sergipe, além da participação na Academia de Ciências de Lisboa. No início do século XX colaborou em diversos jornais do Rio de Janeiro, entre eles *Correio da Manhã* em 1903, o *Imparcial* em 1912 e *Gazeta de Notícias* em 1923. Entre os anos de 1926 e 1934 assumiu a coluna de crítica literária do *Jornal do Brasil* e colaborou na imprensa paulista (RODRIGUES, 2013, p.379). Como membro da ABL e colaborador das colunas jornalísticas do país, atuou ao lado de Silvio Romero na produção da obra *Compêndio da História da Literatura Brasileira*.

No que se refere aos estudos sobre o folclore, na narrativa de Joaquim Ribeiro os dois intelectuais foram responsáveis pela divisão da trajetória desses estudos no Brasil. De acordo com a perspectiva do folclorista carioca, a pesquisa sobre o folclore encontrava-se delimitada desde a contribuição de Silvio Romero e seu exercício restrito a coleta dos objetos de pesquisa. Seria apenas após o surgimento da escola dos “investigadores ou exegetas” liderada por João Ribeiro na década de 1910, que os estudos sobre o tema ganhariam novos impulsos.

Entre Silvio Romero e João Ribeiro, no domínio do folclore, a diferença é grande. O primeiro foi, pode-se afirmar, verdadeiro inventariante do nosso folclore.

Já João Ribeiro, ao contrário, realizou a parte propriamente científica do folclore [...]

Um foi coligidor ao passo que o outro foi, sobretudo, exegeta (RIBEIRO, 1944, p.217).

Como marco da nova escola do folclore liderada por João Ribeiro, Joaquim Ribeiro destaca o curso realizado em 1913 pela Biblioteca Nacional intitulado *Curso de Folklore*,<sup>7</sup> ministrado pelo crítico literário. Os materiais oriundos dos anais evento deram vida a obra *O Folclore*, publicada por seu pai em 1919. De acordo com Joaquim Ribeiro, o conjunto de conferências realizadas por João Ribeiro causou grande repercussão na época devido ao seu caráter renovador e por proporcionar pela primeira vez no Brasil, uma valorização do folclore como ciência. Nas palavras do folclorista carioca:

---

<sup>7</sup> O curso consistia de oito conferências divididas em diferentes temáticas: O Folclore. Métodos de pesquisa. A língua e a literatura popular; A novelística nas suas formas literárias. Os contos populares; Fábulas e histórias de animais; os mitos.; O folclore infantil; Crendices, superstições. Ideias práticas e religiosas; O romance. A poesia popular e a sua técnica; Síntese geral do folclore.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O mestre evidenciava que, com o espólio das tradições populares, o pesquisador poderia erguer um edifício de estudos de alto alcance para a Volkskunde e para a psicologia do povo. Patenteou a necessidade de diretrizes doutrinárias para essa investigação e a imperiosa exigência de uma metodologia específica para o seu estudo.

Essa dignidade científica dada ao folclore representa a grande contribuição de João Ribeiro.

O curso de Folclore da Biblioteca Nacional, logo em primórdios da segunda década do século XX, é uma etapa expressiva do folclorismo brasileiro (RIBEIRO, 1969,p.21).

No argumento de Joaquim Ribeiro, nesse período os folcloristas brasileiros ainda se restringiam a coleta de materiais seguindo os rastros deixados por Silvio Romero. Somente com os ensinamentos trazidos pelo mestre que se tonou possível a abertura de novos horizontes nos caminhos do folclore. As trilhas a serem percorridas a partir daquele período se tornaram mais tortuosas, o que justificava segundo o folclorista, o menor número de seguidores das teorias de João Ribeiro em relação aos de Silvio Romero.

Ainda no parecer de Joaquim Ribeiro, o crítico literário obteve os primeiros contatos com a pesquisa folclórica através do percurso por dois caminhos distintos: o da História e o da linguística. Os conhecimentos eruditos obtidos no estudo dessas disciplinas acarretariam no seu interesse pelo folclore. No papel de historiador, ao publicar o livro didático *História do Brasil Curso Superior*<sup>8</sup>, João Ribeiro evidenciava, do ponto de vista etnográfico, um esboço da doutrina histórico-cultural<sup>9</sup>. Na avaliação do folclorista carioca, as obras historiográficas produzidas por João Ribeiro representavam:

No primeiro aspecto, João Ribeiro é o nosso único historiador de síntese. A sua visão filosófica dos nossos factos históricos é simplesmente admirável e

---

<sup>8</sup> Para historiadora Ângela de Castro Gomes: “o grande trabalho de João Ribeiro como historiador foi justamente seus compêndios escolares, escrito com o aval da cátedra do Colégio Pedro II: História do Brasil – 1900 – logo por ocasião do IV Centenário do Descobrimento – e que continuaria sendo editada e revista pelo autor até sua morte; e sua História Universal, publicada em 1919 e que teria também outras edições” (GOMES, 1996, p.113.)

<sup>9</sup> As origens da denominada Escola Histórico Cultural remetem a segunda metade do século XIX, as abordagens do geógrafo e naturalista Carl Ritter (1779-1859), que posteriormente foram retomadas e aperfeiçoadas pelo geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904). As teorias de Ratzel fundamentadas na contribuição do conceito de círculos culturais, gerou adeptos entre alguns intelectuais da época como os alemães Bernhard Ankermann (1859-1943), Leo Frobenius, (1873-1938), Willy Foy (1873-1929) e Fritz Graebner (1877-1934). (VÁSQUEZ VILCHES, Rodrigo Andrés; MORA NAWRATH, Héctor Iván; FERNÁNDEZ LIZANA, Miguel Ignacio. Perspectiva históricocultural e investigación antropológica en Chile: una aproximación a los aportes de Max Uhle, Martín Gusinde y Aureliano Oyarzún (1910-1947). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 2, p. 513-530, maio-ago. 2019. p.516.)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ninguém antes nem depois dele pode gizar em traços tão nítidos e gerais a nossa formação, principalmente na fase colonial. É uma obra, sobretudo, de pensamento e além disso profunda e convincente (RIBEIRO, 1934,p.82).

Segundo os historiadores Rogério Rosa Rodrigues e Cristiane Gally, os anos de 1900, marcam não só o reconhecimento de João Ribeiro como historiador, mas a própria evolução da historiografia brasileira. Em 1901, Euclides da Cunha publica a obra *os Sertões* e “por meio dela convidava o povo brasileiro a reconhecer o interior do Brasil” (2015, p.47). Capistrano de Abreu incumbia-se da revisão crítica da obra de Varnhagen desde 1902. Seus *Capítulos da História Colonial* seriam publicados em 1907, com a proposta de repensar as “feições e fisionomias do Brasil profundo” (2015, p.47). Além disso, leituras, anotações e revisões de documentos sobre o passado do país surgem nesse período em diferentes ensaios publicados na imprensa. Desta forma, para os historiadores, nos primeiros anos do século XX a historiografia brasileira ganhava novas abordagens, especialmente no que se refere ao abandono de uma historiografia limitada apenas a um repertório de feitos administrativos cronologicamente ordenados.

Clamava-se por uma historiografia que aliasse novas descobertas documentais com o desenvolvimento da sociologia. Em síntese, o olhar para o interior, para aquilo que João Ribeiro chamou de o Brasil que emergiu, do colono, do jesuíta e do mameluco, da ação dos índios e dos escravos negros’ vinha se destacando, tanto na historiografia quanto na literatura brasileira. Tais fatores possivelmente contribuíram para que João Ribeiro tivesse maior segurança em expressar em primeira pessoa, denotando a sua própria inscrição como historiador (RODRIGUES; GALLY, p.47-48).

No que diz respeito ao aspecto linguístico, Joaquim Ribeiro destaca a relevância da obra *Frases feitas* publicada em dois volumes no ano de 1908: “É o mais precioso ensaio, pela originalidade das investigações e pela segurança dos métodos científicos aplicados, sobre a fraseologia da língua portuguesa” (1934, p.82). O método de estudo comparado utilizado na obra, comprovava os processos analógicos da língua e as filiações históricas, isto a tornava não somente um trabalho erudito, mas de grande atrativo e originalidade.

De acordo com Christianne Gally, a curiosidade filológica de João Ribeiro rendera-lhe o respeito dos estudiosos da língua portuguesa, como também inimizades conquistadas por meio de discussões calorosas (2015, p.124). O crítico sergipano baseava seus fundamentos nas referências oriundas da Alemanha, e reforçava sempre que possível

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a sua formação intelectual apoiada no desenvolvimento da cultura alemã. Nos estudos filológicos, João Ribeiro disseminou os ensinamentos de estudiosos alemães como Herman Paul, Oskar Weise, O. Jespersen, Meyer-Lubke, Leo Spitzer entre outros. Seu objetivo era buscar novos métodos de análise da própria língua portuguesa que o levassem a uma linha tênue entre a legitimidade do purismo da língua e a defesa da dialetologia (2015, p.126).

A autora esclarece que, entre as últimas décadas do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, a língua portuguesa no Brasil foi objeto de análises, leis e regras que convieram para suscitar investigações filológicas e linguísticas de diferentes correntes teóricas. Os surgimentos desses debates foram estimulados por uma série de mudanças ocorridas naquele período em diferentes áreas do saber:

Na história, havia, de um lado, o historicismo alemão e a escola metódica; do outro, as inovações de Henri Berr e o positivismo comteano, que fez das Ciências sociais a ciência que governa todas as outras, modificando o viés político para o social; as teorias de Darwin e Spencer projetaram uma verdadeira modificação do modo de analisar a língua, como se pode constatar, por exemplo, na gramática de Júlio Ribeiro (1881) – responsável pela introdução do método histórico comparativo no Brasil e, por isso, considerado marco para a produção ‘científica’ de gramáticas – na qual a língua era vista como organismo vivo. Essas ideias foram trazidas para o programa de ensino de Português, elaborado por Fausto Barreto, em 1887, para o Colégio Pedro II (2015, p.120).

Ainda segundo Christianne Gally, nas obras filológicas de João Ribeiro, *Dicionário gramatical* (1889), *Estudos Filológicos* (1902), *Páginas de estética* (1905), *Frases feitas* (1908), *O Farbodão* (1910), *A Língua nacional* (1921), *Notas de um estudante* (1922), *Cartas devolvidas* (1926), *Curiosidades verbais* (1927) -, predominam a influência psicológica, que na linguística, está intimamente ligado aos preceitos da escola idealista de Karl Vossler, linguista alemão, cujos trabalhos deram notável impulso aos estudos de estilística literária (2015, p.128). A expressão linguística era verdadeiro objeto de pesquisa de João Ribeiro. Sua aproximação com a história cultural alemã (kulturgeschichte) o levaram ao interesse pelo conceito de folclore, e a língua dessa forma passou a ser vista como produto cultural.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para Joaquim Ribeiro, os livros *História do Brasil* em 1900 e *Frases Feitas* em 1908, já demonstravam a demasia dos méritos etnográficos de seu mestre e progenitor. Contudo, os papéis de historiador e filólogo ofuscavam o seu ofício de folclorista.

É então que João Ribeiro surge no folk-lorismo brasileiro. Em o ‘Fabordão<sup>10</sup>’, livro que ele próprio denominou ‘crônica de vários assuntos’ critica as dificuldades do sistema de Silvio Romero. Já então os diversos estudos esparsos sobre o assunto haviam lhe granjeado renome e autoridade nessa ciência (RIBEIRO, 1934, p.83).

Assim é que em 1913 é convidado pelo diretor da biblioteca Nacional para realizar nesse local um ‘curso de folk-lore’, o primeiro realizado no Brasil. A significação desse curso na história do Folklorismo brasileiro é decisiva. Foi ali que João Ribeiro empreendeu a renovação de tais estudos entre nós dando-lhes uma orientação eminentemente científica (RIBEIRO, 1934, p.84).

O jovem folclorista também destaca com certo orgulho, que os conceitos deixados por João Ribeiro conquistaram adeptos entre alguns folcloristas que confessavam ser discípulos da metodologia do crítico sergipano. Entre os citados estão: Silvio de Almeida, Alberto Faria e Amadeu Amaral, Luís Câmara Cascudo, Afrânio Peixoto, Basílio de Magalhães, Gustavo Barroso e Lindolfo Gomes. É importante salientar que, alguns dos nomes destacados pelo folclorista, faziam parte do círculo de intelectuais voltados para os estudos de folclore dos quais o jovem Joaquim Ribeiro iniciava sua participação. Entre eles, Lindolfo Gomes e Gustavo Barroso, que em suas palavras: “Lindolfo Gomes, porém, constitui personalidade a parte por ser o grande representante da “escola eclética”, da qual Gustavo Barroso é paladino de alta gerarchia” (1934, p.85).

## **Lindolfo Gomes e a escola “eclética”**

Nascido no interior de São Paulo em 1875, Lindolfo Gomes além de jornalista, exerceu o magistério de língua portuguesa e foi Inspetor de Ensino. A sua atividade intelectual foi intensa e variada, pois escreveu poemas, peças de teatro, romances, contos e ensaios. Foi também pesquisador, dedicando-se a investigações folclóricas.

Descrito como eclético, sereno e conciliador, o letrado representará a terceira fase instituída por Joaquim Ribeiro, intitulada como “escola eclética”. Nos argumentos do

---

<sup>10</sup> Publicado em 1910 pela editora Garnier, a obra *O Fabordão*, foi definida por João Ribeiro como uma “serie de pequeninos estudos de bibliografia, folklore, filolojia, critica documental e outras contribuições menores de vario assunto.” (RIBEIRO, João. *O Fabordão: Crônica de Vario assunto*. Rio Janeiro: Garnier, 1910, p.1.)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

folclorista carioca, Lindolfo realizou em seus estudos a junção das duas correntes instituídas por Silvio Romero e João Ribeiro, representando deste modo, a figura central do folclorismo nacional de sua época.

Vivendo num centro vigoroso de tradições, que é Minas Gerais e possuindo, ao lado de enorme erudição clássica, um admirável senso analítico, cabia-lhe, sem dúvida, a missão de reunir ao lazer do colligido o mister de exegeta e pesquisador. Sob esse aspecto, é o mestre mais completo de nosso folclorismo. A sua obra capital “os contos populares”, consiste, ao mesmo tempo, coletânea e ensaio erudito, através das anotações filológicas, comparativas e históricas (RIBEIRO, 1944, p.218).

A obra *Contos Populares e Cantigas de adormecer* publicada em 1918, é reconhecida como sua obra mais significativa bem como uma coletânea de ensaios de profunda erudição. Joaquim Ribeiro salienta que, além de profundo conhecedor da doutrina folclórica e folclorista de mérito, Lindolfo Gomes se destacou como filólogo perspicaz tornando sua obra de valor tanto para o folclore brasileiro quanto para estudo da ciência linguística no Brasil (1934, p.87): A publicação do final da década de 1910 recebeu a análise literária do mestre João Ribeiro em sua coluna no jornal o *Imparcial* em 1919.

Dedicado ‘folk-lorista’ é o nosso confrade Lindolfo Gomes, que nos ‘Contos populares e cantigas de adormecer’ criou um dos mais famosos livros que temos nesse ramo da ciência popular. Com grande carinho, aproveitado estudo a discreta erudição, vem aparelhado este volume, lindamente impresso, com abundantes notas instrutivas. Notemos ainda o precioso vocabulário regional e as observações finais. A parte de ilustração a essa obra popular indica em seu organizador a competência, a vocação e a simpatia pelo nosso ‘folk-lore’. (RIBEIRO, 1919, p.3)

No papel de filólogo, os trabalhos produzidos por Lindolfo Gomes, estiveram sempre ligados à sua carreira como jornalista, pelo fato de ter sempre escrito como cronista e utilizado da filologia como um dos temas principais nos jornais em que trabalhou. Membro e frequentador da Academia Brasileira de Filologia<sup>11</sup>, fundada em 1944, no Rio de Janeiro, o intelectual foi também um dos organizadores do *Dicionário*

---

<sup>11</sup> Após a morte de J. L. de Campos, foi eleito para ocupar a cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, em 1945, com 70 anos. (AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de; SILVA, José Pereira. Dicionário Bibliográfico da Academia Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: Abrafil, 2012. p.427.)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da *Academia Brasileira de Letras*, em 1935, e um dos colaboradores do *Vocabulo ortográfico* produzido pela mesma instituição (PINTO, 2018, p.64-66).

De acordo com historiadora Fabiana Aparecida de Almeida, a função de filólogo exercida por Lindolfo Gomes está diretamente ligada a um discurso de preocupação com a questão nacional e regional, assim como com a cultura e língua de seu país. “Lindolfo, no nosso entender, pode ser entendido como um nacionalista, valorizando a cultura e língua nacional. Seus estudos folclóricos e filológicos, a sua preocupação com a formação das palavras, o fazem buscar uma identidade nacional e regional” (2018, p.67).

Ainda de acordo com a historiadora, Lindolfo Gomes fez ao longo da vida um vasto ciclo de amizades, o que ocasionou numa forte relação com o mundo político. Como um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, o intelectual pertenceu a uma rede de letrados da cidade de Juiz de Fora, muitos deles entusiastas e estudiosos da história local. As amizades e a rede de letrados o fizeram aprofundar-se ainda mais na história da cidade mineira, tornando-a o objeto principal de seus estudos sobre o folclore (2018, p.79).

Em relação aos assuntos sobre o tema do folclore, o centro da rede social da qual Lindolfo Gomes estava inserido permitiu-o o contato direto com aqueles considerados os pioneiros sobre o folclore nacional no início do século XX: João Ribeiro, Silvio Romero e Luís Câmara Cascudo. Segundo Fabiana Aparecida de Almeida, Silvio Romero e Lindolfo Gomes eram amigos. O folclorista sergipano frequentou várias conferências realizadas pela Academia Mineira de Letras durante o ano em que residiu em Juiz de Fora. Lindolfo também manteve relações de amizade com folclorista potiguar, Luís Câmara Cascudo, autor de diversas obras e artigos relacionados aos contos populares, religião, festas populares, entre outros assuntos (2018, p.81).

Lindolfo Gomes também era tido por Joaquim Ribeiro como um grande mestre e amigo, salientando sempre sua admiração pelo historiador e folclorista. A troca de admiração era recíproca e demonstrada em vários artigos de jornais e dedicatórias de livros:

Quando o meu querido, jovem e já erudito amigo e confrade Joaquim Ribeiro, ao dar-me a honra e os gostos de sua visita, me confiou os originais deste livro para que eu o prefaciasse, posto que me sentisse justamente lisonjeado, após a leitura de alguns dos admiráveis capítulos, estive a esboçar uma formal recusa. Em primeiro lugar porque já esta obra havia logrado merecidamente menção

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

honrosa da Academia Brasileira de Letras, e em segundo, por que os méritos ressaltantes do autor se me revelaram tão claramente à vista que dispensável se tornaria qualquer apresentação. Difícil seria ao prefaciador acompanhá-lo nos largos voos de sua insofismável erudição (GOMES, 1929, p.1).

[...]

Por ora filio-me declaradamente a segunda escola, a que chamo ‘científica’, não escondendo a minha atenção para a terceira, cuja utilidade é patente, em dúvida por influxo de Lindolfo Gomes, o meu querido mestre e amigo benévolo, que tão lisonjeiramente prefaciou esta obrinha (RIBEIRO, 1929, p.85).

Entre os diversos estudos produzidos sobre a temática do folclore, destacam-se três livros em especial. O primeiro intitula-se *Folk-lore e tradições do Brasil* publicado em 1915. De acordo com Joaquim Ribeiro, este livro “em traços rápidos, dá uma ideia do estado dos estudos folclóricos então. Durante muito tempo foi o único documento sobre a síntese do que se fez no Brasil” (1944, p.211). Em suas palavras, até a publicação da obra de Lindolfo Gomes, faltava aos estudos folclóricos um ensaio de síntese que abarcasse a evolução do folclorismo no país.

De acordo com a historiadora Fabiana Aparecida de Souza, o livro aponta de modo geral, estudos pioneiros mostrando a influência portuguesa (e por vezes espanhola) no folclore brasileiro e as transformações que os ditos populares sofreram ao longo do tempo. A obra também aborda o valor dos estudos folclóricos e da tradição do ponto de vista psicológico e da etnologia (2018, p.88).

O segundo livro de relevância na bibliografia folclórica de Lindolfo Gomes, é o já citado *Contos populares e cantigas de adormecer*, publicado em 1918, e posteriormente, dividido em duas novas publicações: *Contos populares episódicos, cíclicos e sentenciosos (1931)* e *Contos populares brasileiros (1948)*. Tais publicações, ficaram conhecidas como *Contos Populares Brasileiros*. Nessa obra, o autor submeteu a um exame crítico, os contos colhidos através de relatos orais, no qual implementou um vocabulário com explicações de modismos, locuções populares, plebeísmos e brasileirismos usados no texto (2018, p.88).

Na análise de Joaquim Ribeiro, Lindolfo Gomes não se limitou em harmonizar as correntes produzidas pelos mestres Silvio Romero e João Ribeiro. A obra traz como elemento inédito a introdução na classificação dos contos populares do critério de ciclos temáticos divididos entre os seguintes tópicos: ciclo do pai João; ciclo do coelho e da onça; ciclo do diabo; ciclo de Nossa senhora, entre outros (1934, p.87). Antes da

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

classificação do folclorista, haviam apenas referências aos ciclos, porém sem a intenção de uma metodologia. Ainda na premissa de Joaquim Ribeiro:

A lição de Lindolfo Gomes, na verdade, é boa porquanto no estudo dos contos, estória e lenda, tal processo é razoável e de finalidade prática.  
Trazia, como se vê, algo de novo na doutrina.  
Contudo o papel principal do sábio mineiro é o que já me referi e que lhe deu a glória de ser o verdadeiro fundador da ‘escola eclética’ (RIBEIRO, 1934, p.88).

A terceira obra intitula-se *Nihil Novi: estudos da literatura comparada, e tradições populares e de anedotas*, publicada em 1927, e constitui uma reunião de vários estudos publicados em jornais sobre literatura comparada e tradições. O título que significa “nada de novo” recebeu diversas análises e críticas nos jornais da época, sempre com muitos elogios ao trabalho do autor. Entre as análises, podemos destacar a de João Ribeiro em sua famosa coluna do *Jornal do Brasil* em 1928:

Lindolfo Gomes é um erudito filólogo e folclorista de Juiz de Fora, que é quase dizer “da roça”, embora os Juiz de forenses sejam com razão muito ciosos da sua cidade mineira, que é adiantada e progressista.  
[...]  
O seu Livro – “Nihil novi”- título que tomou ao dito de Salomão - “nada de novo” – traduz plenamente a soma de esforços e diligência que consumiu ao reunir essas 250 páginas curiosas e interessantes.  
[...]  
O livro de Lindolfo Gomes contém outros estudos interessantes e numerosas pesquisas que honram sua agudeza de espírito.  
Acredito que o ‘Nihil Novi...’ será muito lido e apreciado por sábios e incultos (RIBEIRO, 1928, p.5)

Ainda no ano de 1928, em coluna no jornal carioca *Correio da Manhã*, o poeta Tostes Malta, traz seus elogios a nova obra de Lindolfo Gomes:

No folk-lore difícil encontrar-se quem o iguale. Nossas lendas, ele as conhece uma por uma, nossa poesia popular, sabe-se de cór, amando-a pelo que do jeito representa: a alma de um povo ainda em desenvolvimento sem “unidade de raça”  
[...]  
Nihil Novi... é um livro que se lê com curiosidade e satisfação. Quanta pesquisa paciente! Quanto esforço. Nas suas páginas, aqui e ali, também encontramos as coisas ingênuas da nossa gente que vive, na sua amável simplicidade, tecendo lendas que são o encanto da nossa meninice (MALTA, 1928, p.2).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O folclorista Gustavo Barroso<sup>12</sup>, reconhecido como parte do grupo de primeiros folcloristas das décadas de 1910 e 1920, em coluna do jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, no qual, utilizava o pseudônimo João do Norte, dedica algumas palavras ao trabalho do colega folclorista: “Um dos mais interessantes livros, para os que se dedicam aos estudos de erudição, literatura comparada, filologia e folk-lore, ultimamente publicados é, sem dúvida, o de Lindolfo Gomes, *Nihil Novi*” (BARROSO, 1928, p.3).

Como salienta Angela de Castro Gomes, “uma geração só ganha significado próprio quando remetida a relação com outras gerações” (1996, p.41). Desta forma, uma das características dos intelectuais da primeira metade do século XX, encontra-se na perspectiva indenitária de que realiza por contraste através do tempo, o que é situado e defendido como projeto daquele grupo ante seus antecessores e contemporâneos.

A noção de geração, desta forma, transcende as manifestações externas, resultando de um trabalho de memória, que identifica sua vivência e a transmite a seus sucessores que não a compartilharam. Como argumenta a historiadora, a noção de geração incorpora tanto a ideia de um tempo “exterior” quanto de um tempo “interior” expresso pela forma como tais acontecimentos foram experimentados por um grupo, construindo-se um sentido de união e pertencimento (1996, p.41).

Deste modo, Joaquim Ribeiro utilizou-se de suas obras voltadas para a temática do folclore para manter viva a memória de seus grandes predecessores no trabalho de coleta e pesquisa do folclore brasileiro. O autor se tornava inserido na continuidade da geração de folcloristas, a partir do momento em que deixa claro, a influência de Lindolfo Gomes e de seu pai, João Ribeiro, na direção em que seus estudos irão tomar em sua trajetória intelectual, nas décadas de 1940 à 1960, principalmente no que se refere a doutrina histórico-cultural que já havia despertado interesse de João Ribeiro nas primeiras

---

<sup>12</sup> Gustavo Barroso (1888- 1959) Nasceu em Fortaleza, Ceará, foi professor, ensaísta e romancista. Estreou na literatura, aos 23 anos, usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de sol*, ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense. Além dos livros publicados, sua obra ficou dispersa em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro, para os quais escreveu artigos, crônicas e contos, além de desenhos e caricaturas. A vasta obra de Gustavo Barroso, de 128 livros, abrange história, folclore, ficção, biografias, memórias, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Pseudônimos: João do Norte, Nautilus, Jotanne e Cláudio França (ACADEMIA Brasileira de Letras. Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>. Acesso em: 17/09/2020.)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

décadas do século. O conceito alemão se tornará o eixo principal de seu projeto de renovação das pesquisas sobre o folclore no Brasil.

A relação de afetividade entre Joaquim Ribeiro e os dois autores por ele destacados, igualmente estimulou o sentimento de defesa da imagem, bem como, da importância de seus trabalhos na formação dos estudos sobre o folclore e a necessidade de trazer a seu público-leitor o referido lugar desses letrados na história intelectual do país. Como o próprio autor salienta em suas obras, tanto seu pai João Ribeiro, quanto Lindolfo Gomes são citados como mestres e por vezes conselheiros de seus trabalhos como professor e folclorista, demonstrando a forte ligação e o sentimento de continuidade presente na produção intelectual do autor.

## Referências bibliográficas

BARROSO, Gustavo. Tudo é velho. *A Manhã*, Rio de Janeiro. 19 de jun. 1928. Edição: 00774. p.3.

GALLY, Christianne. O filólogo João Ribeiro: Um germânico no Brasil. RODRIGUES, Rogério Rosa (org). *Nos desvãos da História: João Ribeiro*. Paco Editorial: Jundiaí, 2015, p.113-135.

GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*, Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MALTA, Tostes. Nihil Novi. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. Edição: 10135. 26.jan.1928. p.2.

PINTO, Fabiana Aparecida de Almeida Souza. “Homem, poeta, cérebro, coração”: Lindolfo Gomes e o pensamento intelectual e preservacionista em Juiz de Fora. 2018. 187 f. Tese (Doutorado em História). Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

RIBEIRO, João. Crônica Literária. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 24 fev.1919. Edição: A01237. p.3.

\_\_\_\_\_. Dia sim, dia não. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 Jan. 1928. Edição: 00005. p.5.

\_\_\_\_\_. *O folclore*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1969.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RIBEIRO, Joaquim. *A tradição e as Lendas*. Rio de Janeiro: Marcello & CIA, 1929.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo do Folk-lore brasileiro*. Rio de Janeiro: Alba Limitada, 1934.

\_\_\_\_\_. *Folklore brasileiro*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João. *História (São Paulo)* v.32, n.1, p. 377-400, jan/jun 2013,

RODRIGUES; SOARES; GALLY. Notas sobre uma introdução: João Ribeiro e a escrita da História do Brasil. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (org). *Nos desvãos da História: João Ribeiro*. Paco Editorial: Jundiaí, 2015, p.41-57.